

Balança comercial: agora, preocupação.

Há quem ache que a situação é dramática: o País conseguirá saldo positivo no fim do ano?

Os prognósticos para o desempenho da balança comercial brasileira, nos próximos meses, não são de todo coincidentes. Para o presidente da Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil (Cacex), Benedito Moreira, o saldo de apenas 5 milhões de dólares na balança do mês de julho foi um "escorregão", que será superado nos próximos meses. Mas para o presidente da Associação Brasileira das Empresas Comerciais Exportadoras (Abece) e futuro presidente da Associação dos Exportadores Brasileiros (AEB), Humberto da Costa Pinto Júnior, a situação da balança, neste ano, é "dramática".

Dois outros prognósticos: o coordenador de pesquisas aplicadas da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex), Túlio Arvelo Buran, entende que a tendência progressiva dos baixos preços médios dos produtos agrícolas e industrializados no mercado internacional e os resultados da balança comercial brasileira, dos primeiros sete meses deste ano, não deverão permitir superávit além de 1 bilhão de dólares, que já "seria maravilhoso"; já o ex-secretário-executivo do Conselho de Comércio Exterior (Concex) e atual vice-presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Paulo Vellinho, afirma que o superávit comercial brasileiro não deverá ser superior a 1 bilhão e 500 milhões de dólares. Segundo ele, somente as quedas de preços e produção do açúcar e da soja nacionais vão provocar uma redução de 700 a 800 milhões de dólares nas exportações.

Otimismo

Para Benedito Moreira, da Cacex, a balança comercial brasileira deverá manter um superávit ainda

modesto, no mês de agosto, depois de um saldo de 5 milhões de dólares, em julho, mas, de setembro a dezembro, a situação deverá melhorar, com a perspectiva de queda das taxas de juros internacionais e de aumento nos preços dos produtos primários exportados pelo Brasil.

Ele não quis, porém, na entrevista que concedeu ontem em Brasília, fazer uma previsão do superávit da balança comercial no ano, afirmando que isto dependerá, basicamente, do comportamento dos preços internacionais.

O comportamento dos preços é fundamental para o Brasil, segundo Moreira, uma vez que os brasileiros não estão perdendo em volume exportado e, ao contrário, têm elevado as vendas físicas para compensar as quedas nos preços dos produtos em geral, principalmente primários e semimanufaturados. Cerca de 70% das vendas nacionais são de produtos primários e semimanufaturados e, por isto, ainda segundo Moreira, qualquer perspectiva de resultado do comércio internacional dependerá da redução das taxas de juros, que pressionam os preços destes produtos.

Para Benedito Moreira, o Brasil não se organizou em tempo para enfrentar uma crise generalizada no comércio internacional, como a de agora, e enfrenta dificuldades, que se materializam na queda dos valores arrecadados com a exportação.

A advertência

Segundo Humberto da Costa Pinto Júnior, futuro presidente da Associação dos Exportadores Brasileiros, é certo que haverá um superávit de, no mínimo, um bilhão de dólares, mas isto corresponde a

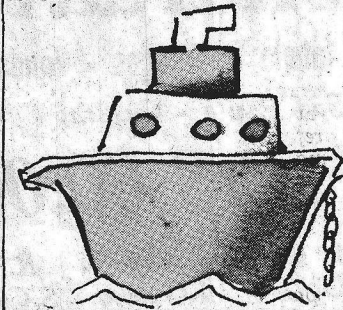
apenas um terço do saldo positivo que o governo previa no início do ano, de três bilhões de dólares.

Pinto Júnior alertou, em entrevista ontem em Porto Alegre, que o País precisa preparar-se para enfrentar uma tendência que se está firmando no mercado internacional, que é a de exigência de importações como contrapartida para as exportações nacionais. Ele disse ainda que o pequeno superávit de 260 milhões de dólares, registrado na balança comercial nos primeiros sete meses deste ano, não podem ser projetados para os cinco meses restantes, porque, historicamente, as exportações brasileiras sempre crescem no segundo semestre.

No seu entender, os exportadores precisam cada vez mais criar "tradings" e subsidiárias no Exterior, para superar a barreira das contrapartidas. Recentemente, contou ele, um exportador brasileiro de camisetas quis vender seu produto na Polônia, e o governo polonês condicionou o negócio à compra, pelo Brasil, de vagões ferroviários. As "tradings", neste caso, aglutinariam e coordenariam interesses aparentemente conflitantes.

A culpa

No Rio, o coordenador de pesquisas aplicadas da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior, Túlio Duran, afirmou que, apesar do quadro adverso, o esforço exportador em termos de quantidade não foi comprometido, estando a iniciativa privada e o go-



verno em posição cômoda, já que toda a responsabilidade pode ser atribuída ao mercado externo difícil.

Acrescentou que, se não tivesse ocorrido queda geral nos preços, as exportações no período de junho de 1981 a maio deste ano teriam proporcionado receita de 25 bilhões e 800 milhões de dólares e as importações ficariam em 20 bilhões e 700 milhões, observando-se saldo de 5 bilhões e 100 milhões. Nesse caso, comentou Duran, não haveria tantas queixas e o secretário-geral do Ministério da Fazenda, Carlos Viacava, provavelmente estaria sendo

apontado como o "mago das exportações".

Os desempenhos

A empresa que apresentou melhor desempenho na balança comercial brasileira, nos primeiros cinco meses deste ano, foi a Companhia Vale do Rio Doce, que exportou 413 milhões e 400 mil dólares e importou 20 milhões e 300 mil. O segundo melhor desempenho coube ao Instituto do Açúcar e do Alcool, que em igual período exportou 201 milhões e 500 mil dólares, sem o registro de nenhuma compra no Exterior.

Ainda no período de janeiro a maio deste ano, a Fiat Automóveis S.A. colocou-se em terceiro lugar no saldo positivo da balança comercial, exportando 202 milhões e 800 mil dólares e importando 31

milhões e 800 mil. Mas a empresa que mais exportou e importou nos primeiros cinco meses do ano foi a Petrobrás: 525 milhões e 300 mil dólares contra 366 milhões e 100 mil. E as duas empresas que mais importaram sem nada exportar foram a Companhia Siderúrgica de Tubarão (239 milhões e 800 mil dólares) e Furnas Centrais Elétricas (89 milhões e 900 mil dólares).

E o porto de Santos registrou, no primeiro semestre deste ano, aumento de 38% em suas exportações, em relação ao mesmo período do ano passado, segundo o relatório da Companhia Docas do Estado de São Paulo, apresentado ontem na reunião dos secretários-executivos dos Corredores de Exportação, no Ministério dos Transportes.